



## Quarto Domingo depois de Pentecostes (27/06/04) Próprio 8

### 1ª leitura (Antigo Testamento) - Reis 19.15-16, 19-2

O texto deste domingo faz parte do chamado "*ciclo do profeta Elias*". Elias reage contra os desmandos cometidos pelo rei Acab e a sua esposa Jezabel no Reino de Israel cuja capital era Samaria no século 9º a.C. As denúncias de Elias contra os monarcas eram: a miséria e fome extrema em que se encontrava a população agravada por uma forte seca (cf. 1 Rs 17: 8-12 e 18:2); a corrupção e total falta de respeito as leis tribais deixando as famílias sem terra (cf. 1 Rs 21) e a perseguição e assassinato dos profetas de Javé que defendiam os direitos tribais (cf. 1 Rs 18:4 e 19:10b). Para o profeta Elias esse conjunto de males se devia ao fato de a monarquia israelita ter abandonado a fé em Javé (que defendia as pessoas mais fracas e garantia seu sustento) e ter abraçado a fé em Baal (que justificava o poder ilimitado os reis e sua política corrupta e assassina; cf. 1 Rs 18:18).

Elias participa intensamente da vida política da sua época. Ele chama o povo ao resgate da consciência dos seus direitos garantidos pelo Deus Libertador (1 Reis 18:39). Na época de Elias a política era muito violenta e quando um novo rei assumia matava todos os homens da família do rei anterior (cf. 2 Rs 10:12-14). Elias, que não morre, mas ascende diretamente para Deus (cf. 2 Rs 2:11), matou um grande número de profetas de Baal amparado pelo povo que lhe assistia (cf. 1 Rs 19:40). Elias foi uma pessoa da sua época, participou da luta como era travada na sua época, fez coisas (mesmo inspirado por Deus) que hoje não faríamos. Mas também é um exemplo de que seguir a Deus é encarnar os desafios e defender as pessoas que sofrem na miséria, no engano promovido pelos poderosos, na violência que usurpa a riqueza do povo e que persegue e mata os que defendem seus direitos.

O texto deste domingo indica que a fé em Deus, conforme vivida por Elias, leva tanto para a militância política (a luta diária pelos direitos do povo) quanto para estratégia política (o planejamento de ações a médio e longo prazo que levem à transformação da realidade presente). O texto deste domingo fala da estratégia política de Javé através de Elias. Elias deveria ungir um rei Sírio (Hazeel) que nem tinha fé em Javé, um líder tribal israelita comprometido com o povo (Jeú) e um novo profeta (Eliseu) sendo que estes dois últimos, sim, eram javistas (cf. 1 Rs 19:15-16). Desta forma, de um jeito ou de outro a realidade denunciada por Elias deveria mudar a médio ou longo prazo. A segunda parte do texto fala da vocação de Eliseu, que arava com 12 juntas de bois (um claro símbolo das doze tribos de Israel) mas, tendo que partir para sua militância com Elias, ele decide carrear para não deixar o seu povo passando fome (cf. 19:21b). Essa atitude de Eliseu mostrava sua predisposição para ser um bom sucessor de Elias pois tinha sensibilidade solidária para com a situação do povo, uma condição essencial de toda pessoa que deseje ser militante de Deus em favor da vida do povo!. (HMG)

### 2ª leitura (epístola) - Gálatas 5.1,13-25



Qual a maior exigência para quem deseja aprender a dirigir? É claro que qualquer pessoa que deseja aprender a dirigir um automóvel precisa, antes de tudo, Atenção!! É possível que consigamos dirigir um automóvel sem conhecer minimamente o funcionamento do motor ou mesmo sem saber o significado de todos os sinais de trânsito. Mas não podemos ter o mesmo desempenho sem a devida atenção na estrada.

Quando queremos dirigir nossa vida cristã de forma madura não é diferente. Não é suficiente que saibamos o que diz as Escrituras ou mesmo toda a história dos dogmas. É preciso algo mais. É preciso atenção para não se deixar envolver com elementos estranhos à graça. Para que não permitamos que dissabores minem nossa fé, precisamos estar atentos para pelo menos três possibilidades.

Em primeiro lugar, **Para que não nos deixemos aprisionar novamente** (v. 1). Uma vez que estamos livres por meio de Cristo, precisamos cuidar para que esta liberdade não seja, também ela, transformada em um tipo de prisão. Muitas vezes quando nos sentimos livres “escolhemos” livremente nos submeter a certos “rudimentos da lei” ou certas “normas religiosas”, às vezes são “convenções sociais” ou a ilusão do “absoluto relativismo” que faz do homem a medida de todas as coisas. Em resumo, as vezes estamos absolutizando e divinizando o homem e relativizando Deus. Em resumo, usando as categorias de Tillich, nem a heteronomia nem a autonomia, mas a teonomia. Deus tem de ser o Senhor de nossas vidas. E não as normas sejam elas eclesiais, culturais, da tradição, etc. Qualquer coisa que assuma o papel de deus em nossa vida, e que, portanto, não possa ser questionada, deve ser extirpada.

Em segundo lugar, **Para o critério norteador de nossas escolhas**. (v. 13) Um dos perigos que a liberdade pode trazer é a sensação de onipotência. Acharmos que podemos tudo. Que nada pode nos deter. Que uma vez livres poderemos andar pelo caminho que quisermos. Não é assim com a fé cristã. Uma vez livre, precisamos eleger um critério para nortear nossa vida. Na sociedade em que vivemos esse critério é bem claro: o lucro, o prazer, a vantagem, o ter. No texto de hoje descobrimos que Paulo sugere um outro padrão: o outro. Segundo ele não devemos agora viver na busca da satisfação de nossos instintos egoístas. Devemos nos colocar a serviço do outro pelo amor. O “Outro” é agora nosso alvo de nosso serviço amoroso. Não mais nós mesmos, nosso prazer, nossa vida, nosso lucro. Este é um princípio que condena o utilitarismo dominador e egocêntrico. Não podemos mais usar o outro como um meio para obtermos o que desejamos. Precisamos respeitar a condição humana de cada um. Este é princípio que nos liberta nos fazendo servos. E isto é surpreendente. Somente quando somos servos uns dos outros é que somos realmente livres.

Em terceiro lugar, **Para as esferas em que este critério age**. (v. 19-26) uma vez que recebemos o “outro” como critério de referência para nossa vida e nossas escolhas, é imprescindível que este critério refaça nossas escolhas e opções de vida. Isto significa que este novo critério vai exercer influência sobre várias questões. Tanto em questões que envolvem autodisciplina quanto em questões interrelacionais, este critério estará presente. E mais que isso. Ele inclusive agirá sobre nossa auto-imagem narcisista. Nossos relacionamentos sofrem uma sensível melhora quando passamos a buscar o bem do próximo ao invés de nosso próprio bem. Nós nos sentimos mais úteis quando nos esforçamos para o bem do outro e nossa própria auto-imagem tende a



amadurecer, não necessitando de qualquer reforço ou ilusão. Somos apenas isso, servos uns dos outros. Servimos a Deus, quando servimos o outro. Este deve ser nosso maior critério.

Se atentarmos para isso, teremos mais pessoas saudáveis em nossas comunidades. Se elas forem formadas em torno do bem-estar das pessoas e da proclamação do Evangelho que nos liberta, então todos ficarão felizes. Que Deus nos dê a lucidez para que nossas comunidades sejam comunidades libertadoras e terapêuticas, párea o bem do corpo de Cristo e da sociedade ao nosso redor. (JLFA)

### Santo Evangelho - Lucas 9.51-62

O seguimento de Jesus envolve uma longa caminhada de aprendizado na qual reformulamos conceitos antigos e aprendemos coisas novas. Geralmente não gostamos que nos corrijam porque sempre julgamo-nos na posse da verdade e consideramos que nossos pensamentos e valores são os melhores. Nem sempre paramos para refletir em nossas crenças e, por isso, tal como Tiago e João, falamos o que não devemos e perdemos uma bela oportunidade de ficar calados, simplesmente aprendendo.

No texto do evangelho de hoje, os discípulos manifestam uma idéia que desagradou a Jesus. Porém, fizeram isso de modo natural e até com apoio bíblico. Devido à grande rivalidade entre judeus e samaritanos, estes recusaram-se a receber os enviados de Jesus. Isso acirrou a ira dos discípulos e despertou seus preconceitos adormecidos. É aí que entra a sugestão de Tiago e João. Talvez tenham se lembrado de um episódio da vida do profeta Elias, quando este ordenou que um raio caísse do céu e queimasse um oficial samaritano e seus cinquenta soldados. Curioso isso! Um dos argumentos mais utilizados pelas pessoas na discussão de certos temas religiosos é firmar-se em textos bíblicos. Porém, nem tudo o que está na Bíblia é absoluto. As narrativas bíblicas precisam ser continuamente reinterpretadas. Os discípulos quiseram "ser bíblicos", mas sua motivação e disposição era o desejo de vingança. Sua mensagem não era de salvação, mas de intolerância e juízo. Eis aí um triste exemplo de como nos servimos da Bíblia para legitimar nossos preconceitos.

Jesus os repreendeu firmemente: "de que espírito sois?" A palavra "espírito", nesse caso, significa a motivação oculta, subjacente às palavras. É como se ele dissesse: "a motivação que os leva a pedir fogo do céu não é a motivação que me guia". De fato, a motivação daqueles discípulos ao aplicarem as escrituras era completamente diferente do evangelho de Cristo. Ah! Então quer dizer que há formas diferentes de citar a Bíblia? Sim!

Geralmente as pessoas se rendem a qualquer citação bíblica que as pessoas fazem para justificar preconceitos. Às vezes nós mesmos citamos as escrituras equivocadamente ou com outras intenções, com uma disposição, princípio ou "espírito" diferente do evangelho. Qual era a motivação de Jesus? Ele mesmo afirmou que não veio ao mundo para destruir as pessoas, mas para salva-las.

Como discípulos de Jesus, somos chamados a imitá-lo. Mas quantas vezes agirmos tal como Tiago e João – com intolerância e motivados pelo ódio, rancor ou vingança. E pensamos que, por estarmos seguindo a Jesus, temos o direito de



## **Centro de Estudos Anglicanos**



---

condenar os outros. Na verdade, o que nos falta é o amor de Cristo. O aprendizado que os apóstolos tiveram com Jesus não foi apenas de conceitos e idéias, mas sobretudo da prática do amor. (CEBC).